

ERETZ AMAZÔNIA - OS JUDEUS NA AMAZÔNIA

O FILME FOI LANÇADO
NA AMAZÔNIA

PÚBLICO PRESENTE AO CCBEU EM BELÉM, PARA ASSISTIR A ESTRÉIA DO FILME



NA ESTRÉIA OFICIAL DO FILME, DENTRO DO FESTIVAL DE BELÉM DO CINEMA BRASILEIRO



FABRÍCIO CAVALCANTE E SUA BANDA NA FESTA DO LANÇAMENTO DO ERETZ

Primeiramente na capital do Amazonas, no último dia 03/06, em belíssima festa organizada pelo Comitê Israelita do Amazonas sob a presidência do Sr. Celso Neves Assayag, foi exibido filme o vencedor do Doc TV - "Eretz Amazônia - os judeus na Amazônia" em avant - premier para o ishuv amazonense. No auditório do ICBEU na Av. Joaquim Nabuco, participaram do evento cerca de 250 pessoas que após a exibição, aplaudiram entusiasmadas. Após a sessão foi servido um belíssimo coquetel a todos os presentes.

Em Belém, no dia 07/06 o documentário também teve sua estréia exclusiva para a comunidade judaica. Foi no auditório do CCBEU na Av. Padre Eutíquio, e mais uma vez, a presença foi marcante com mais de 400 pessoas que assistiram e confirmaram o belo trabalho.

Já no dia 09/06 o filme foi lançado oficialmente dentro do Festival de Belém do Cinema Brasileiro. A expectativa era grande para saber se o "Eretz Amazônia - os judeus na Amazônia" seria também aprovado pelo público em geral. E as mais de 500 pessoas que assistiram a sessão especial, confirmaram que o filme é de excelente nível e tem tudo para ter uma longa vida em festivais nacionais por todo o país. Na mesma noite do dia 09 a TV. Cultura do Pará promoveu um coquetel do lançamento do documentário para cerca de 300 convidados. Na festa algumas atrações foram destaques: a apresentação da banda liderada por Fabrício Cavalcante, criador da trilha sonora original do filme, tocando todas as músicas ao vivo para os presentes na Estação das Docas - Boulevard das Flores. As cantoras Simone Elmescany que interpretou "Abraham Avinu" e Ingrid Serruya que cantou "Eretz Eretz", encantaram o público. Outra atração ímpar, foi a apresentação do Ballet da Academia Ana Unger mostrando belíssima performance na "Hora" israelense.

Já podemos agora respirar tranquilos e mostrar para as futuras gerações, como foi que nossos antepassados chegaram a Amazônia. No entanto, descobrimos com o Eretz, que o tema tem muito mais para ser contado, pesquisado e mostrado, e não vamos abandonar este barco logo agora que levantamos âncora e começamos a navegar.

Que D-us nos ajude a seguir o caminho que trilhamos.

Obrigado a todos os judeus da Amazônia e seus descendentes espalhados mundo afora.

David Salgado -

Editor

ALBERTO SERRUYA

Peça trabalhada em Metal, trazida para a Amazônia, particularmente, para a região do Tapajós, por judeus que chegaram nesses lugares por volta do ano de 1830.

Pertenceu ao Sr. Abraham Sarafi, que teve com a Sra. Úrsula Santos, um filho que nasceu em 1860, em Santarém - Pará, e recebeu o nome de Lúcio Santos, conhecido como "Lúcio - o judeu", pois adotava costumes judaicos, e que, embora não tendo sido batizado na religião judaica, foi criado e educado por seu pai, Sr. Abraham, dentro dos costumes Israelitas. Lúcio viveu 97 anos, tendo falecido no ano de 1957.

"Lúcio - o judeu", casou com Emerenciana Celestina, com a qual teve os seguintes filhos:

MENORAH



Fortunato, Luciano, Julieta, Acácio, Esther, Judite, Raquel e Maria da Glória.

Julieta casou-se e teve vários filhos, entre os quais o artista plástico de reconhecida fama no Pará, chamado Laurimar dos Santos Leal, pertencendo portanto, a quarta geração de descendentes do Sr. Abraham Sarafi.

Laurimar Leal, como é conhecido, doou o "Menorah", em 1976, a um membro da comunidade Israelita de Belém do Pará, o qual o guarda e dedica um valor imensurável, pois a peça recorda a saga pioneira de um povo, que inspirado em Deus, jamais temeu vicissitudes, documentando assim, a sua presença em todos os recantos da terra.

Jamazônia
JUDAICA

NOSSA CAPA

Cena inicial
do filme Eretz
Amazônia - Os
Judeus na Ama-
zônia



Jamazônia
JUDAICA

O Jornal AMAZÔNIA JUDAICA é um órgão independente, mensal, para divulgação do judaísmo na Amazônia. Endereço: Av. Gentil Bittencourt, 378 / 303 Cep.: 66.035-340 - Belém - PA. Tel.: (91) 241-7656 - Fax: (91) 222-3184

Diretor e Editor
David Salgado Filho

Conselho Consultivo
Jacob Messod Benzecry; Elias Pazuello; Ramiro Bentes; Marcos David Nahon; Moisés Elmescany; Celso Neves Assayag e Morse Shimon Israel

Colaboradores

Simone M. Salgado; Clara Azulay; Isaac Bentes; Yehudá Benguigui; Lise B. Serruya; Marcos Serruya; Raquelita Athias e Zazá Jucá

Colaboraram nesta Edição

Julio R. Levy; Reuven Tobelem; Alberto Serruya; Hernan Bendayan e Karl Benchimol

Revisor

Inácio Obadia

Correspondentes

Manaus: Isaac Dahan / Rio de Janeiro: Elias Salgado

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Osimar R. Araujo (osi_101@hotmail.com)

Impressão

M.M. & Lima Ltda. Fone/fax: (91) 224-5301 / 241-6219 - email: moraes@amazonline.com.br

Assinatura anual

R\$ 40,00
Preço do exemplar

R\$ 4,00

AJ nformações

(91) 241-7656 -
Fax: (91) 222-3184

www.amazoniajudaica.com.br
amazoniajudaica@directbr.com.br

VEAHAVTÁ NEWS

Grupo de Apoio à União Israelita Shel Guemilut Hassadim - RJ



Por Julio R. Levy

Uma cena que sintetiza com fidelidade o espírito da Hilulá, aqui expressa no fascínio de todas as idades pelas luzes das velas. A Hilulá é uma evento beneficente cuja essência é a homenagem e a reverência à memória e aos ensinamentos de Rabbi Shimon Bar Yochai

No último número de Amazônia Judaica publicamos a primeira parte de uma entrevista, realizada em maio, com três integrantes do Veahavtá, Samuel Levy(70), Sami Anidjar(63) e Cláudio Goldenberg(37). O Veahavtá se define, nas palavras de seu patrono, o Prof. Dr. Rubem David Azulay, como "um grupo cujo objetivo maior é ajudar a diretoria da S.G.H. no desenvolvimento do culto, conclamar jovens ao estudo da Torá e obter fundos para a concretização desses objetivos". O dado novo, para o leitor que estiver acompanhando a partir de agora, é que o Veahavtá coordena os seus projetos e respectiva receita independentemente da diretoria empossada, sendo que alguns de seus membros pertencem a ambos os grupos. Inovações administrativas à parte, os resultados não deixam dúvidas quanto à sua eficácia e acabam abrindo precedentes inusitados no que se refere à gestão de instituições similares. O bate-papo foi interrompido justamente aí, quando surgiu o porquê de a gestão oficial da sinagoga não se utilizar dos mesmos métodos que o Veahavtá para conseguir resolver seus problemas, tomando tão necessária a existência de uma gestão independente para que os departamentos em questão conseguissem se tornar mais eficazes. Com a palavra, Cláudio Goldenberg, atual tesoureiro da Shel:

Goldenberg - Vou para a minha segunda gestão como tesoureiro e afirmo que quando você está envolvido no problema... Por exemplo, sou o tesoureiro, certo? Pois então: pago um funcionário ou realizo um evento? Pago o funcionário, claro. Era isso o que acontecia anteriormente(ao Veahavtá). Agora, diferentemente, há uma verba própria específica para estes outros fins. Então a sinagoga cabe apenas ter de se preocupar com a arrecadação que vai cobrir suas despesas mais elementares.

Anidjar - Olha, funciona assim, infelizmente, e esta é a realidade: se a gente deixasse o Veahavtá sob a responsabilidade financeira da própria sinagoga, ninguém trabalharia. Ninguém. Veja, como é que a Shel, como é que uma instituição religiosa é movida? É movida a partir de emoções. A partir de certos grupos. Por exemplo: se não fosse a determinação de alguns(virando-se para Samuel Levy), se não fosse a sua tenacidade, se não fosse você um camarada persistente como o é, o Veahavtá, nesta nova fase, não durava um mês. E outra coisa: não existem dois caixas. Não existem duas fontes de receita. Há somente uma, e que na realidade também é Shel -aliás, por que é que tem dois nomes e não um nome só? Porque assim pode existir uma política que estabeleça, digamos, uma certa concorrência entre os dois núcleos, por estranho que possa parecer. Afinal, os dois se compõem praticamente das mesmas pessoas. Parece absurdo, é verdade, mas não importa. E o resultado é fantástico. E para o bem. Cria-se assim uma espécie de motivação extra, que parecia ser justamente o que estava faltando. Trata-se de um grupo que conquistou liberdade de movimento e que justamente por isso é mais eficaz, sem no entanto desmotivar o 'oficial', mais atrelado que está às questões burocráticas do dia a dia.

Goldenberg - Vou dar um exemplo. Quando chegávamos para cobrar ou pedir alguma coisa para alguém, geralmente um associado, recebíamos sempre uma negativa: "Olha, acabei de pagar a minha mensalidade, R\$120,00, e o dinheiro que estou dando é justamente para vocês fazerem estas coisas". Mas ninguém está sabendo que há a questão dos dois rabinos(Abraham Anidjar e Isaac Benzaquen), que há a questão das contas astronômicas de luz e o resto todo. Então, pedir pela Shel, não funciona. Temos uma conta de fotocópias de mais de mil reais por mês, só o rabino conta com vários secretários, enfim, coisas do dia a dia da sinagoga que os associados simplesmente desconhecem. Isso fazia com que não tivéssemos argumento para chegar até o coração das pessoas. E o Veahavtá é um argumento, ou um meio, que diversifica a nossa fonte original de colaboradores. O alvo almejado passou a ser outro, pôde ser outro. Tanto é que as grandes doações, as pessoas que fazem os grandes doativos, entraram somente depois de esta estrutura estar formalizada.

Levy - Gostaria de explicar como é que o Veahavtá começou a fortalecer-se. O nosso rabino, o rabino Benzaquen, é excelente. Estamos muito felizes em tê-lo. Entre os rabinos, é provavelmente um dos mais ativos

e militantes. Mas, até mesmo a excelência requer custos. Sem meias palavras, o que quero dizer é o seguinte: ao fundar o grupo, especificamos alguns de seus objetivos mais importantes, entre eles, apoio incondicional ao rabino, para que as despesas que julgasse necessárias não se traduzissem em somas impagáveis para a sinagoga. Por exemplo, o já citado alto custo das xerox mensais, vitais para que ele possa realizar bem seu trabalho sem criar maiores atritos com as limitações da diretoria. Então, está lá: "Veahavtá: grupo criado na Shel Guemilut Hassadim para ajuda e apoio ao rabino e à diretoria". Começamos com um caixa bem simplório e, agora, estamos gastando quase trinta vezes mais... Trinta! Como entra este dinheiro, eu não sei.

Anidjar - Milagre... (rindo).

Levy - ...Então; o Veahavtá, hoje, é uma chevrá; chevrá kaddishá. Sagrada. De ajuda à sinagoga e a outros grupos. Ajudamos presos israelenses que cumprem pena em Bangu, subúrbio do Rio, com dinheiro e comida, fora outras somas maiores para que alguns destes possam ser bem assistidos juridicamente; participamos ativamente da recuperação de viciados em drogas através de tratamento médico e apoio financeiro; cuidamos para que se cumpram à risca os rituais funerários de membros de famílias desamparadas. E há mais. Então trata-se verdadeiramente de um grupo especial. Veja o caso aqui do Cláudio; graças a uma iniciativa dele foi que conseguimos reunir esforços e comprar as garagens anexas à sinagoga que hoje abrigam nossos salões, reformados e entregues ao kahal na gestão do presidente Celso Benjó.

E COMO É A NEGOCIAÇÃO DESTAS DECISÕES COM A DIRETORIA VIGENTE?

Anidjar - Para que fique tudo às claras: hoje, a Shel Guemilut Hassadim e sua diretoria ficariam imobilizadas sem o Veahavtá. Ou seja, o grupo existe em função e para a Shel, e a Shel não pode mais prescindir do grupo.

E por quê? Porque a diretoria toma conta dos problemas administrativos que regem a sociedade Shel e o Veahavtá ocupa a lacuna referente aos eventos sociais. Eventos, aí, num sentido amplo, como os exemplos que citamos. A verdade é que quando as contas estão equilibradas, tanto de um lado como do outro, as picuinhas são menores, quase nulas. Mas quando a coisa aperta para ambos, aí é claro que vão surgir rusgas. Um antigo sonho meu, só para exemplificar, é o de dividir o ano da Shel em 52 semanas. Temos um programa semanal que contempla as datas importantes para as famílias membro: aniversários de casamento, nahalot, etc. E a partir daí começar, como foi na minha gestão, a convocar as pessoas para os acontecimentos previstos nesta agenda. Isso trouxe, na época, um grande aporte de público para a sinagoga. E por causa disso mesmo a Shel começou a ser um pouco criticada e virou galhofa. Éramos chamados de "sinagoga-restaurante". Ai dissemos: "A nós não interessa qual é o motivo que traz o judeu à sinagoga. O importante é que ele venha. Hoje, ele vem para jantar, mas amanhã virá por outro motivo". O que aconteceu depois disso? Muitas outras sociedades começaram a nos imitar. Graças a D-us! E vinham aqui para ver de perto como é que a coisa funcionava. O que é ótimo. Começamos primeiro, mas não queremos isto só para nós. Ao contrário, queremos que os benefícios se espalhem por toda a comunidade. E compreendemos então um fato simples: um judeu se fига pela boca (risos).

Levy - O Veahavtá hoje é um grupo de amigos da Shel que consegue reunir cerca de 25 pessoas todos os dias, gente que vem às sete da manhã para integrar a tefilá e fazer boas ações. A partir desse grupo original já conseguimos um projeto que assiste, sob a forma de estudos de Torá, uma boa parcela da juventude universitária duas vezes por semana, às terças e quintas. São aulas ministradas pelo rabino Benzaquen das oito às nove e meia da noite, patrocinadas por grandes empresas que nada têm a ver com a Shel, uma soma de grande vulto. Temos grupos esportivos, duas

equipes de futsal (www.copaveahavta.kit.net) e uma equipe de dança israeli, com moças jovens, tudo pago pelo Veahavtá e seus patrocinadores. E ainda há um grande projeto pela frente, mais ambicioso: "Veahavtá procura os judeus na universidade". Nos interessa saber se há judeus atravessando a fase universitária em busca de ajuda para a manutenção de seus estudos, e contemplamos a possibilidade de apoiá-los.

O CARGO DE PRESIDENTE DA SINAGOGA, DIANTE DE TANTA FORÇA, NÃO FICA UM TANTO ESVAZIADO?

Anidjar - Mas o presidente da Shel é do Veahavtá (risos)! Para ser presidente da sinagoga, o candidato tem necessariamente que passar por este crivo... É o Veahavtá que escolhe o presidente.

Levy - E ele tem que ser religioso e observador do shabat!

Goldenberg - Olha, são as mesmas pessoas(que compõem os dois conjuntos). Não se trata absolutamente de um grupo à parte. Inicialmente, no embrião, fomos um grupo independente. Mas, hoje, não. Quando se chegou à conclusão de que os objetivos eram os mesmos, que estavam todos do mesmo lado, a rivalidade cessou.

Levy - Diretoria da Shel, presidente Sérgio Benchimol; Veahavtá; vice presidente, Sami Anidjar; Veahavtá; primeiro tesoureiro, Cláudio Goldenberg; Veahavtá; parnás, Samuel Levy; Veahavtá. Então, Veahavtá e Shel Guemilut Hassadim são uma coisa só.

Anidjar - A estrutura institucional de nossa sinagoga é tão democrática que, quando fui presidente, por fazer parte simultaneamente tanto da diretoria como do Veahavtá, por muitas manhãs deixei de vir aos cafés para que as pessoas pudessem me criticar livre e abertamente, sem maiores constrangimentos. Podiam até me xingar (risos). E quanto mais fazemos, mais temos a impressão de que há o dobro por fazer. Nesta gestão, inclusive, seremos particularmente beneficiados, porque está renascendo o departamento feminino. Isto vem aplacar todos os anseios que o Veahavtá nutria por esta seção, preenchidos que serão positivamente pela nova diretoria porque sob o comando de Verônica Benchimol. Ela tem convocado voluntários, novos sócios e, inclusive, vai também reativar o antigo chá das cinco, onde as mulheres, além de trocar idéias e fortalecer amizades, se reuniam e arquitetavam novas formas de impulsionar a arrecadação de fundos para os projetos importantes. Vai enfim renascer o grupo feminino da Shel, rebatizado 'Veahavtá Feminino', em homenagem à memória de Meriam Eshriqui Benjó.

Mas se você quer uma definição para o que somos, acho que a que resume bem a nossa essência é a seguinte: um grupo, decididamente, em termos de realizações, insaciável.

- **Samuel Levy:** 11/07/33, Tânger, Marrocos. Joalheiro e cônsul honorário da Costa Rica. Chegou ao Brasil em 58, aos 25 anos. Diretor de culto (parnás).
- **Samuel Anidjar:** 13/08/40, Tânger, Marrocos. Empresário. Chegou ao Brasil em dezembro de 1956, aos 15 anos. Vice-presidente.
- **Cláudio Goldenberg:** 05/02/67, Rio de Janeiro, Brasil. Empresário. Cargo na sinagoga, tesoureiro.

• juliolr@uol.com.br
• sinagoga.shel@openlink.com.br

B"H A PALAVRA QUE CURA

RABINO ISAAC BENZAQUEN

Conta-se que um homem subiu a um telhado, pôs-se de pé, inclinou-se, perdeu o equilíbrio e caiu. Quando o levantaram, estava com fraturas múltiplas e várias feridas abertas. Mas vivo, felizmente. Foi levado com urgência para o hospital mais próximo e vários médicos se reuniram à sua cabeceira.

Um pneumologista e um cardiologista o examinaram e lhe prescreveram um tratamento longo e trabalhoso. Um cirurgião o mandou fazer radiografias dos membros, operou-o durante horas e acabou por engessar braços e pernas. Veio um especialista do cérebro que o submeteu a uma série de exames para descobrir possíveis danos. O dermatologista fez curativos em suas feridas e deixou com ele uma grande quantidade de pomadas e cremes. Foi também chamado um oftalmologista para examinar seus olhos e recomendar-lhe óculos para melhorar sua afetada visão.

Ao fim e ao cabo de tanto tempo e esforço, e submetido a diferentes tratamentos para todos os males de que sofria, o homem finalmente deixou o hospital completamente curado.

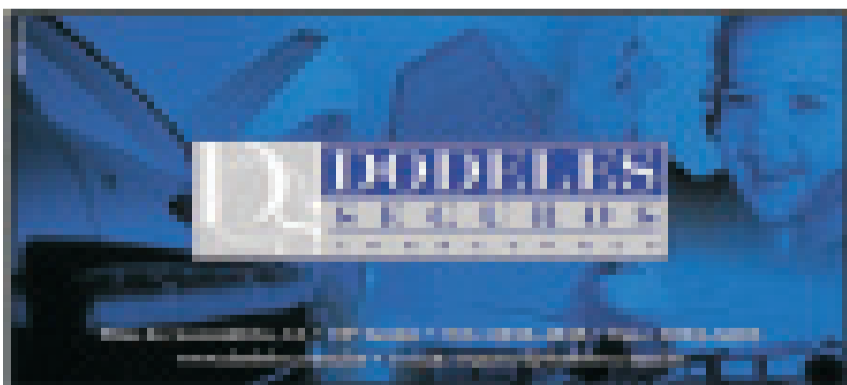
Da mesma forma, qualquer pessoa que sofra simultaneamente de diversos males deve tratar a cada um deles individualmente, pois não existe um "remédio universal". Não há registro de área clínica e nem de especialidade alguma dentro da medicina capazes de dar conta, a uma só vez, de todas as doenças que afligem o ser humano. Este é um fato da vida no plano físico, tão concreto e inquestionável quanto a gravidade ou as estações do ano. Porém, no plano espiritual, a realidade é bem distinta. Nela, existe um remédio capaz de curar a todos os males espirituais, sem exceção. Se, por exemplo, alguém cometeu vários e graves erros, e por eles sofre, há um antibiótico disponível com a força necessária para curá-lo instantaneamente: OUVIR A PALAVRA DE HASHEM.

Hashem, o Todo-Poderoso, é o Pai misericordioso que nos perdoa e que nos livra de todos os males, e o Único que releva nossos erros e nossos pecados. Assim como na historieta acima onde o tal homem, mesmo muito ferido e machucado, tratou-se e não morreu, afirmam os nossos sábios que também Hashem não deseja a morte e o sofrimento de Suas criaturas, mas sim que corrijam seus modos de agir, retifiquem o rumo de suas vidas, se aproximem da Torá e prossigam num caminho novo. Qual seja, o da correção, da solidariedade e da justiça. Se para todos estão abertas as portas da Teshuvá e da Misericórdia Divina, por que continuar submetendo-se ao pecado e à culpa, ao padecimento e ao castigo?

Por isso preveniu o profeta Irmiahu (Jeremias) à sua geração: "OUÇAM a palavra de Hashem, casa de Yaacov! Mesmo se a alma estiver afligida por todo tipo de erros, OUÇAM! OUÇAM E VIVERÃO!"

Shalom Uvrachá.

(rabino.shel@openlink.com.br)



BENCHIMOL
CLÍNICA DE DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

Av. N. S.ª de Copacabana, 888, 5º andar - Copacabana, Rio de Janeiro, RJ
Telefone: (21) 3845 7000 e-mail: sbenchimol@benchimolclinica.com.br

Construindo um estilo de vida a cada ano.

Brascan Imobiliária
INCORPORAÇÕES S.A.
www.brascan.com.br

O MELHOR E MAIS COMPLETO CENTRO AUTOMOTIVO

GBG

UNIDADE DE SERVIÇO DE MANUTENÇÃO, 2000
Rua 27 de Setembro, 1111 - Centro - Rio de Janeiro, RJ
Tel: (21) 2574 1111 - Fax: (21) 2574 1111
UNIDADE DE SERVIÇO DE MANUTENÇÃO, 2000
Rua 27 de Setembro, 1111 - Centro - Rio de Janeiro, RJ
Tel: (21) 2574 1111 - Fax: (21) 2574 1111



ECOLOGIA A MODA JUDAICA

Até que ponto os ecologistas tem razão

DR. MEIR TAMARI

Em todos os ensinamentos dos sábios e da literatura judaica, da Bíblia as histórias dos mestres chassídicos, a beleza da Natureza e a importância de seus componentes e efeitos espirituais positivos aparecem de maneira clara.

No entanto, o tema da importância da natureza, seus componentes e sua beleza não nos devem induzir a uma interpretação errônea ou ler no judaísmo o que não está lá. No envolvimento com movimentos ambientalistas, e fácil não perceber o elemento da idolatria na forma de alma e espírito do vento ou da água. A Natureza é apenas uma criação de D'us, de modo que nem um dos elementos atuais tem um poder ou valor por si só, além e acima daqueles que lhe foi concedido por D'us, o Criador.

Já se tornou até mesmo corriqueiro ver o homem apenas como um sócio igualitário das forças da Natureza. O judaísmo vê o homem como o auge da Natureza e tudo o mais no mundo está lá pra servi-lo e deve ser usado para seu benefício. No entanto, isto não permite o desperdício ou a destruição das forças da Natureza. É verdade que o homem é o senhor da Criação, mas não há ninguém, sob a ótica judaica, que tenha direitos sem obrigações.

Os recursos naturais nos foram dados e temos permissão de usá-los, porém, ao mesmo tempo, somos obrigados a utilizá-los com parcimônia e guardá-los. Os homens não podem destruir irresponsavelmente os recursos naturais, assim como o indivíduo não tem permissão para destruir seus próprios bens.

Os sábios dizem que destruir sua propriedade, de propósito, ou num momento de raiva, é como adorar ídolos.

Direitos comunitários

A Lei Judaica reconhece que uma comunidade (vizinhos de porta, cidadãos de uma cidade ou grupos nacionais) possui direitos que devem ser protegidos contra danos por atos de terceiros. Este conceito se expressa no direito comunitário de taxaçoão que, com efeito retira a propriedade dos cidadãos para financiar necessidades comunitárias. Também tem o direito de limitar as atividades de indivíduos ou corporações que danifiquem o meio ambiente ou depreciem a beleza do cenário.

No entanto, ao mesmo tempo, devido a sua simetria, a Lei Judaica deu grandes passos no sentido de

proteger os interesses de indivíduos contra o uso excessivo do poder expropriante. A história econômica mundial esta repleta de exemplos do mau uso do direito de taxaçoão, em geral, e do poder expropriante, em particular. Campos de fazendas e de colheitas foram destruídos para facilitar esportes de reis e senhores. No estado moderno, deve-se tomar muito cuidado para não destruir os direitos legítimos do indivíduo enquanto se protege a sociedade do dano ambiental, que pode advir do crescimento econômico.

Ecologia e bem-estar econômico

Um dos temas mais complicados surgem quando a devoção a causa ecológica entra em conflito com o bem-estar econômico da sociedade. Na análise final, é necessário decidir até que ponto a sociedade precisa passar por dificuldades econômicas para desfrutar do prazer estético, de água ou ar despoluído. A resposta haláchica para este conflito pode ser vista em dois *responsa* - (respostas de sábios antigos).

O primeiro *responsa*, do Rshbá (Rabi Sim'on ben Aderet, erudito do século XII), afirma que há uma enorme diferença entre os inconvenientes causados por atividade particular e o dano ecológico real. Nesta carta em especial, o Rashbá refere-se ao uso da cozinha que provoca fumaça e cheiro, que incomodavam os que viviam no apartamento acima. Queriam forçar o homem a tomar providências.

O Rashbá diz que o que acontece neste exemplo resulta da convivência e, portanto, as pessoas devem estar preparadas para sofrer essa quantidade "normal" de dano ambiental. Baseia-se na regra de que um indivíduo tem o direito de trabalhar em sua propriedade, mesmo causando um pouco de desconforto aos outros. Portanto, na vida moderna, um médico poderia receber seus pacientes em casa, mesmo provocando irritação aos vizinhos. Contudo, se desejar abrir uma clínica ou hospital deve fazê-lo em área com zoneamento permitido, pois excederia o "uso normal da propriedade".

O segundo *responsa* refere-se ao caso de cubas usadas para tingir têxteis. Tais cubas produziam mau cheiro e os habitantes queriam lacrá-los, segundo as normas haláchicas. O rabi consultado aceitou o fundamento básico da demanda. No entanto, afirmou que a cidade toda dependia da indústria têxtil para sua subsistência. Portanto, o interesse público exigia que a população sofresse o dano ambiental. Não era possível insistir no

fechamento.

Mesmo que, posteriormente, uma autoridade enfatizasse que no estado judaico autônomo as condições de zoneamento evitariam que isso ocorresse, parecia lógico o primeiro *responsa*. A dependência econômica da cidade na indústria levaria as autoridades haláchicas a permitir que tal incômodo ambiental prosseguisse.

Deve-se deixar claro que esta consideração econômica seria inaceitável onde houvesse perigo real a vida humana. Ninguém tem permissão de causar dano ao corpo de outrem ou ao seu próprio. Não é permitido colocar a si mesmo em perigo de dano físico. Isto quer dizer que os empregadores são obrigados a fornecer proteção razoável contra acidentes por maquinário e outros perigos aos trabalhadores. Isto também significa que aos operários é proibido trabalhar de modo a colocar sua vida em perigo. Ninguém pode concordar com trabalho perigoso por troca de bônus ou altos salários. E concebível que, se devido ao nível tecnológico, não há maneira de as indústrias serem operadas sem dano físico resultante, não lhes seria permitido operar de modo algum do ponto de vista da Lei Judaica.

Risco razoável

Encontrar um equilíbrio entre a necessidade para o desenvolvimento e os custos da proteção ambiental deve ser visto a luz do conceito haláchico de risco razoável. É verdade que as pessoas não podem colocar em risco sua saúde ou sua vida, porém na vida real tal perigo existe, mesmo nas atividades econômicas cotidianas. Não é viável levar o princípio de segurança ao extremo. Pelo contrário, o risco razoável pode ser usado para permitir a busca de sustento, sem transgredir o mandamento bíblico de "guardarás a ti mesmo cuidadosamente" - uma injunção contra o risco de dano físico.

Tal conceito de risco razoável fornece diretrizes tanto para medidas legislativas quanto financeira que viessem a proteger o bem-estar físico e ambiental dos cidadãos. Nenhum país é capaz de financiar tudo que seja considerado ecologicamente desejável. A legislação excessiva pode, no entanto, tornar inviável mesmo o crescimento econômico razoável. Portanto, as prioridades devem ser estabelecidas de modo a permitir a sociedade cumprir suas obrigações, e diretrizes são necessárias para assegurar um crescimento equilibrado.

ARTIGO

SONHO DE PAI

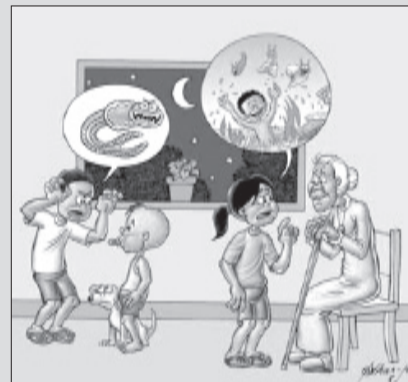
Esses dias dei uma palestra para o Círculo de Pais e mestres do Colégio Israelita Brasileiro, em Porto Alegre.

Lá pelas tantas me perguntaram se eu colocaria meu filho - que vai fazer dois anos - no Colégio. Respondi que sim. E poderia responder de outra maneira um ex-aluno do Colégio Ídiche, filho de uma professora do velho colégio da Oswaldo Aranha? E aí me perguntaram o que eu esperava do colégio. É o que respondo agora.

MOACIR SCLIAF

Tal vez seja melhor dizer, primeiro, o que não espero do Colégio, e isto pode ser resumido numa frase: não espero, e não desejo, que um colégio judaico transforme meu filho num ritualista, numa pessoa que cumpre preceitos religiosos sem saber exatamente o que está fazendo, nem porque. Uma pessoa rígida, intolerante, voltada para o passado ao invés de estar preocupada com o presente e o futuro.

Não que o passado não seja importante. Eu gostaria que meu filho conhecesse a história judaica e, sobretudo, que a entendesse como parte da história da humanidade. Gostaria que meu filho soubesse que tudo que aconteceu aos judeus não resultou nem do acaso, nem de um designio misterioso; se os judeus muitas vezes



foram bode expiatório, isto aconteceu porque foram apanhados no entrelaço violento de forças e interesses contraditórios: feudalismo versus capitalismo, capitalismo versus socialismo, e assim por diante. Eu gostaria que este conhecimento da História e dos mecanismos que fazem a sociedade dessem a meu

filho sabedoria e tranqüilidade; que o livrassem dos fantasmas da paranóia, doença tão comum entre nós.

Eu gostaria que meu filho tivesse acesso a cultura judaica, tanto por ela ser judaica como por ser cultura. Gostaria que ele tivesse o mesmo prazer e a emoção que sinto ao ler os contos de Scholem Aleichem, Méndele e Peretz; as histórias de Isaac Babel e Michael Gold; os livros de Below, Malamud, Bashevis Singer, Philip Roth. Gostaria que ele ficasse extasiado diante dos quadros de Chagall, que gostasse de música ídiche, das canções hebraicas, da dança de Israel. Gostaria, modestamente, que ele lesse o que eu escrevi e que sentisse o judaísmo em meus próprios livros: gostaria disto, como pai e como judeu. Gostaria que meu filho tivesse uma bagagem intelectual sem ser pedante que ele compreendesse que literatura, música, pintura devem tornar as pessoas melhores, não superiores, que sentir é tão importante como saber. Gostaria que ele aprendesse a chorar como só os judeus sabem chorar, e a rir como nós: aquele nosso meio sorriso, meio amargo, meio filosófico.

Gostaria que meu filho estivesse solidário com Israel. Que compreendesse o quanto o Estado significou em termos de levar a dignidade do povo judeu e da magnífica experiência humana. Gostaria que meu filho tivesse a mentalidade de um kibutznik, mesmo vivendo no Brasil, ou talvez justamente por isto: gostaria que meu filho tivesse um ideal e que lutasse por ele, não se sacrificando, porém, a fantasias neuróticas. Gostaria que meu filho não fosse um sectário; que ele não colocasse, em pólos irremediavelmente opostos, judeus e árabes, israelenses e palestinos. Que ele soubesse que neste mundo há lugar para todos, é só uma questão de ajeitar. Que e ele soubesse que, cada vez que há uma guerra, é por que alguém lucra com isto.

Não sei se é pedir demais em troca da mensalidade. Mas afinal. A educação tem um componente de sonho enxertado na dura realidade cotidiana. E sonhar não é proibido.

Fonte - site www.eitansp.org.br

Manuscritos do Mar Morto serão expostos no Rio

Considerados os mais antigos relatos de textos bíblicos, os Manuscritos do Mar Morto serão expostos pela primeira vez no Brasil, a partir de agosto. Os mais de 900 fragmentos escritos entre os anos 250 A.C e 70 da era cristã são apontados como uma das maiores descobertas arqueológicas do século XX, e considerados essenciais para a compreensão do judaísmo e das origens do cristianismo.

Escritos em hebraico e aramaico em mais de 15 mil folhas de pergaminho, os manuscritos foram encontrados em 1947 em cavernas de Qumran, a 25 quilômetros de Jerusalém. Os textos ajudam a entender o ambiente em que Jesus viveu, revelando informações sobre os judeus daqueles tempos. Acredita-se que seus autores tenham sido os essênios, integrantes de uma seita judaica. "Os manuscritos revelam uma conexão muito forte com a Bíblia, completada na metade do primeiro milênio depois de Cristo", afirmou Hava Katz, curadora-chefe da Autoridade de Antiguidades de Israel. "Os textos da Bíblia são praticamente os mesmos dos Manuscritos, mesmo tendo sido completados cerca de 500 anos depois. Isso nos mostra como versões similares foram sendo usadas por séculos".

Entre os manuscritos, destacam-se os relatos do Velho Testamento e vários textos sobre a vida comunitária dos essênios. A exposição contará com pelo menos dez pergaminhos - entre eles os referentes aos textos do Velho Testamento - e diversos objetos do mesmo período, como vasos, utensílios em pedra e cerâmica, moedas, peças em couro, tecidos, entre outros. A mostra poderá ser vista a partir de 20 de agosto, no Museu Histórico Nacional.

Quando foram encontrados, os manuscritos estavam enterrados em 11 cavernas nas proximidades do Mar Morto. Alguns especialistas acreditam que outros textos ainda podem ser encontrados.

"Na verdade, não sabemos ao certo", contou Hava, "achamos que a maioria do material foi achada nas cavernas, que chamamos de Biblioteca. Mas achamos que eles podem ter enterrado mais material em outras cavernas". A curadora contou ainda que não há consenso sobre a razão de os manuscritos terem sido enterrados. "É um grande mistério. Há muitas teorias. A primeira seria que eles tinham medo que alguém os pegasse e os teriam deixado em segurança para voltar depois. Era como um tesouro guardado para dias melhores. A outra possibilidade é que, segundo a tradição hebraica, uma Torá danificada não pode ser jogada fora ou queimada, deve ser enterrada, como se enterra uma pessoa".

Os textos que virão ao Brasil
A vinda de dez textos originais dos Manuscritos do Mar Morto já está acertada. O seguro para a exposição dos pergaminhos é de US\$ 14 milhões. Eles serão expostos em vitrines climatizadas a 20 graus Celsius, com umidade controlada.

LIVROS ESSÊNIO: Três dos chamados livros essênios serão expostos no Brasil: o Calendário, as Regras da Comunidade e as Regras da Guerra. Esses textos apresentam o calendário essênio (baseado num ano solar de 364 dias), além das leis que regulavam a vida dos essênios, as relações na comunidade e as guerras.

LIVROS BÍBLICOS: Serão exibidos no Brasil sete livros bíblicos: Gênesis, Êxodo, Deuteronômio, Levítico, Salmos, Isaías e Filactérios. Livros do Velho Testamento, antigos e modernos, serão apresentados lado a lado, para que o visitante constatare como os textos são idênticos. Um dos mais impressionantes pergaminhos é o dos Salmos. Com 70 centímetros de comprimento, ele reúne salmos e hinos que formam o mais extenso texto encontrado em Qumran.

Extraído do site: www.eifo.com.br

3º Confarad, 2º Encontro da Beth-El e 1º Festival do Filme Sefaradi

Será realizado na cidade do Rio de Janeiro, na Sinagoga Beth-El, no Clube do CIB entre os dias 26 e 27 de junho o 3º. Congresso Sefaradita - CONFARAD. O evento vem sendo realizado anualmente e tem apresentado importantes resultados para a maior integração das comunidades sefaraditas no Brasil de todas as regiões. O CONFARAD, inclusive, chegou a ser cogitado para ser realizado na região Norte, na cidade de Belém este ano, no entanto, vai ficar para uma próxima oportunidade.

Mesmo não sediando o evento, a região amazônica se fará presente no CONFARAD com o documentário Eretz Amazônia - os judeus na Amazônia, vencedor do I DOC TV realizado pelo Ministério da Cultura juntamente com a fundação Padre Anchieta. O vídeo já está pronto e será lançado em Rede Nacional pelas TVs Educativas do país e exibido simultaneamente na abertura do CONFARAD, para mais de 500 pessoas que estão sendo esperadas para o congresso.

PROGRAMAÇÃO

Discurso de boas-vindas de Henri ElMann, Presidente da Beth-El

Mesa 1 - Presidente: Dr. Sergio Benchimol, Sinagoga Shel Guemilut

"PRESENÇA SEFARADI-MARROQUINA NO BRASIL"

Com o lançamento nacional do filme "Eretz Amazônia" (55'). Rabi-no Isaac Benzaquem, Sinagoga Shel Guemilut : **As Tradições Religiosas nas Comunidades Judaicas do Marrocos**. Professor Elias Salgado, **Jornal Amazônia Judaica : Das Areias do Deserto à Maior Floresta Tropical do Mundo**. Dr. Max Nahmias, Museu Judaico: A Vida e a Obra do Professor David José Perez.

Domingo, 27/06/2004
às 10,00 hs.

POR QUE O CONFARAD?

Nelson Menda, Presidente do Conselho Sefaradi.

10,15 hs.

BERAHÁ do Rabino Abraham Shrem e demais autoridades religiosas presentes

Das 10,30 às 12,00 hs

Mesa 2 - Presidente: Dr. Charles



Kubudi, Sinagoga Agudat Israel.

"MAIMÔNIDE S, SÁBIO ENTRE OS SÁBIOS"

Dr. Samuel Buzaglo, Shel Guemilut : Maimônides, Um Espírito Universal. Dr. Haim Elias Nigri, Templo Sidon : Abu Imran Musa Ibn Maymun, o Maior Filósofo da Idade Média. Professor Rubem David Azulay, Shel Guemilut : Ramban, O Mais Conceituado Médico do Seu Tempo.

Das 14,00 às 16,00 hs

Mesa 3 - Presidente: Dr. Alberto Saadia, Centro Bircat Abraham.

"SEFARADIS SOB O IMPÉRIO OTOMANO"

Prof. Aron Hazan, SENAI : Os Judeus e a Turquia, Um Caso de Amor. Escritora Márcia Algranti : Cantos e Singularidades da Gastronomia Sefaradi. Profª Ana Barki Bigio, SP: Ladino e Haqutia na Transmissão Oral e Escrita do Judaísmo Ibérico. Cantor David Jair Alhadeff: Cancioneiro, Expressão da Alma Sefaradi.

16,00 hs. Projeção do filme:
"PÁGINA DE OURO DO JUDAÍSMO SEFARADI" (35')

16,45 hs.

Mesa 4 - Presidente: Dr. Isaac Hanono, Templo União Israel.

"A MULHER SEFARADI E OS NOVOS DESAFIOS"

Jornalista Silene Balassiano, WI ZO: Solidariedade em Tempo de Crise. Professora Rachel Mizrahi, USP : Mulheres Sefaradis que Marcaram Época. Professora Diane Kuperman, FIERJ: O eterno conflito entre preservar e mudar.

18,15 hs. Projeção do filme

"ÁRVORES CHORAM POR CHUVA" (30')

18,45 hs.

Mesa 5 - Presidente: Prof. Eliezer Burlá.

FIERJ. ENTREGA DOS PRÊMIOS "ORGULHO SEFARADI"

Pelas Dirigentes dos Grupos Yomit, Aliá e Norma Sion, da Wizo. Música: Pianista Arnaldo Cohen Esportes: Jogadora Adriana Behar Criação: Desenhista Daniel Azulay

19,15 hs.

Conferência de Encerramento. Dr. Alberto Nasser, Presidente de Honra do Conselho Sefaradi:

"PARTICIPAÇÃO SEFARADI NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL"

ATIVIDADES PARALELAS

• 2ª Feira do Livro e do Cd Sefaradis

• Lançamento do Livro "Maimônides, Um Espírito Universal", do Dr. Samuel Buzaglo.

• Lançamento do CD de Música Litúrgica da Shel Guemilut

• Exposição e venda de livros e CDs com temática judaico-sefaradi, como o "Dicionário de Sobrenomes Sefaradis", "Cozinha Judaica", "Imigrantes Judeus do Oriente Médio", dentre muitos outros.

Apoios: FIERJ, Conselho Sefaradi, Museu Judaico, Wizo.

1º FESTIVAL DO FILME SEFARADI - Sinopses

1 "Eretz Amazônia - os judeus na Amazônia: A partir de um

roteiro premiado pelo Ministério da Cultura em 2003, em que concorreu com outros 600 títulos, o documentário com 55 minutos de duração é inteiramente falado em português e conta a saga do povo judeu na Região Amazônica. Produzido por David Salgado, o filme é dividido em quatro partes, que relatam as diferentes fases da presença sefaradimarroquina no Brasil. O lançamento, durante o 3º Confarad, irá coincidir com a exibição do vídeo em toda a rede de TVs educativas do Brasil.

2 "Páginas de Ouro do Judaísmo Sefaradi"

Produzido pela OMNI-Video, Israel, em 1992. Falado em espanhol. Duração de 35 minutos. Conta, entremendo relatos, imagens e apresentações do excelente grupo musical "Mabat Israel", a história da presença judaica na Península Ibérica a partir da destruição do 2º Templo. Contém depoimentos de professores da Universidade Hebraica de Jerusalém e do Presidente Itzak Navon sobre os sefaradis, os massacres de 1391, a expulsão de 1492, as conversões forçadas, a diáspora pelos países do Mediterrâneo e Holanda e a reconciliação de 1992. Direção Musical de Daniel Akiva, Direção de Produção de Elena Canetti, Produção de Ariel Roffe e Direção Geral de Avi Hemy.

3 "Árvores Choram Por Chuva - Uma Jornada Sefaradi"

Produzido e Editado por Bonnie Burt, nos Estados Unidos, em 1989. Falado em inglês e ladino e legendado em português. Duração de 30 minutos. Emocionante depoimento da Sra. Rachel Amado Portnick, "izmirli" que migrou para os Estados Unidos, onde casou com um esquenazi. Ela relata como era a vida judaica em Izmir e o choque ao chegar a Saint Louis, Missouri, onde era praticamente a única sefaradi dentre uma população de 60.000 judeus. Com a ajuda da também sefaradi Esther Levy, ensina a preparar "burrecas" e da talentosa cantora Judy Frankel a interpretar a canção-título do filme.

Aniversariantes

- **No dia 26/05 foi festejado** no Algazarra o aniversário de Gabriel, filho de Esther e Ivan. A avó Yeda Katz estava radiante de felicidade. Gabriel se divertiu ao máximo junto com seus amigos nas diversas opções de entretenimento que o salão oferece. Felicidades.
- **Janete Bentes recebeu** suas amigas em sua residência para festejar mais uma primavera no dia 30/05. Entre várias opções da culinária, houve uma introdução às festas juninas com munguzá, tacacá, vatapá, tapiquinhas, etc... Muito querida por todos, sua casa, como sempre, estava cheia. Mazal Tov!
- **Sandra Nahon ao lado** de seu marido Marcos e seu filho David, festejou mais um ano de vida. A festa aconteceu no Restaurante do Parque da Residência no dia 06/05, com um excelente jantar oferecido aos seus parentes e amigos. Parabéns.
- **No dia 15 de junho** a Sra. Léa Serruya recebeu suas amigas na casa de sua filha Janete Bentes para festejar seu aniversário. Mazal Tov.
- **A pequena Deborah**, filha de Roseluz e Robson Cortês festejou no dia 17/06 seu aniversário no Espaço Criança do Shopping Iguatemi. Ela era só alegria ao lado de seus amigos. Felicidades.



15 anos de Ana Clara

No dia 05/06 foi festejado em alto estilo no Salão Karajás do Hotel Hilton, os 15 anos de Ana Clara filha de Moisés e Belizia Barcessat. Ana Clara era só alegria ao lado de seus pais, avós, tios, primos e amigos. Foram exibidas em telão, fotos da aniversariante desde o seu nascimento até os dias de hoje. O

salão estava repleto de jovens que disputaram a valsa com a bela aniversariante. Vieram do Rio especialmente para a festa sua tia Márcia e seus primos, Hanna e Elias bem como sua amiga Michele Bentes de São Paulo.



Brit Milá

No dia 31/05 foi realizado no salão da Sinagoga Shaar Hashamaim o Brit Milá de Daniel Mordechai filho de Hanna e Amim. Os padrinhos foram pegos de surpresas, sendo escolhidos os tios Marcos Jayme Belicha e Hanna Belicha Israel. Especialmente para ocasião vieram de Brasília o avô Armando Fonseca com sua esposa Alegria e sua filha Daniele e de São Paulo o Rabino Daniel Tuitou e sua esposa Syme.

Bar-Mitzvá

No dia 20/06, foi realizado o Bar-mitzvá de Elias filho de Sérgio e Lylían Maneschky na Sinagoga Shaar Hashamaim. Após a cerimônia, os convidados foram participar de um brunch nas "Mulatas". Mazal Tov.



Guyl Hazahav - Aniversário

Mais um evento de sucesso foi realizado pelo grupo de terceira idade da comunidade Israelita do Pará. Desta vez foi para festejar o aniversário de um ano da criação do Grupo. Houve um bolo comemorativo, a escolha da celebridade 2004, e um divertido bingo com vários brindes. Para a celebridade do ano foi escolhida a Sra. Sarah Benarroch Benfenaty. Parabéns!

UMA SEMANA

“Quem professa o Nome dos Céus em segredo, é perdido publicamente, quer tenha profanado involuntariamente, quer por premeditação.”

Proibido Israel - Cap. IV - 11

Distribuição: Industrial - Acadêmica - Paró

EV **Seu futuro lhe pertence.**

CORRETORA DE SEGUROS

340-1816

3083-1127

Miguel Athias

Fazer a sua primeira prova completa com a EV Seguros não só é em sua própria mão a responsabilidade de um futuro tranquilo, LCV tem toda a estrutura para te ajudar a separar o bom do ruim. Não deixe passar por você, comece agora, por pouco tempo e a vida te agradece. LCV Seguros, tá aí você!

Chá de Panela

No dia 13/06 foi realizado o Chá de Panela de Berúria Pazuello no Salão Karajás do Hotel Hilton. A organização e todos os doces da festa foram feitos pela mãe da noiva, René Pazuello, que como de costume, deixou tudo lindo e perfeito. Além das garotas do cerimonial, a apresentação ficou por conta da Sra. Esther Barros, que começou fazendo um breve histórico de como se conheceram os noivos. Ela entregou a noiva um presente vindo diretamente de Porto Alegre pelo noivo, que não pôde estar presente. O casamento será no dia 22 de agosto em Porto Alegre. Felicidades ao casal.

grupoBanzacry

CIEX
Comércio, Indústria e Exportação Ltda.

JITAL
Empresa Industrial de Jato S.A.

Rua Guilherme Marins, nº 163 - Centro - Cay 68.085-000
Itanópolis - Maranhão - Brasil - Fone: 6699-623-1217
Fax: 6692933-1374 - global@ciex.com.br

estrela do norte
Distribuidora Ltda.

Distribuidora Exclusiva:

Av. Aracá, Cidade do Brasil, Gomes de Costa, Fiat Lux e Actis - entre outros.
R. Mod. Novo Gama, 29 - São Paulo - Fone/Fax: 246-2261-246-2262 - Email: estrela@estrela.com.br

O AZUL DO NOSSO GÁS !

FOGÁS
CORPORATIVA DE SERVIÇOS DE GÁS

Central Disk Gas
0800 92 9392

ATUALIDADE

DESPEDIDA

DISCURSO PROFERIDO PELO CHEBRÍ, HERNAN BENDAYAN NO DIA 29/05/04, NO SALÃO DA SINAGOGA SHAAR HASHAMAIM, POR OCASIÃO DA DESPEDIDA DO PROFESSOR MOISE LEVY



Respeitáveis Irmãos.

Apraz-me recordar o dia em que tive a honra de conhecer o estimado amigo e companheiro MOISES LEVY. Companheiro dedicado ao nobre trabalho voluntário da "Chebrá Kadishá". Praticamente há 35 anos, quando precisamente, no mês de junho do ano de 1969, encontrava-me de visita às unidades da Petrobrás das grandes capitais estaduais, em uma das viagens de São Paulo a Porto Alegre, com escala em Curitiba; o Moise era um dos companheiros de viagem, oportunidade em que mantivemos um bom relacionamento, conversando distraidamente; umas vezes em espanhol e outras vezes em português, como se fossemos velhos amigos. O mais interessante e ao mesmo tempo extraordinário, foi quando nos identificamos reconhecivelmente como judeus sefaraditas, e surpreendentemente, também, de triagem marroquina.

Ao despedirmos, cordialmente, marcamos um encontro, curiosamente aqui em Belém, motivo pelo qual, ele estava prestes a "cambiar su mazal". E assim, o nosso ilustre e estimado personagem ficou na capital para-naense, pois ele era o Diretor da Escola Judaica que abrigava mais de 500 alunos sob direção preceptual religiosa.

A partir de sua chegada e de seu estabelecimento nesta cidade (Belém), dou por concluído o meu depoimento, uma vez que este respeitável "Kahal" acompanhou até o presente momento a memorável trajetória deste ilustre e estimado Israelita:

- As realizações de seu trabalho comunitário, com todo amor e dedicação, como membro da "Chebrá Kadishá".

- O desempenho de suas funções com dignidade como Professor de Hebraico e ocasionalmente como "Shaliach Tzibur" das duas Sinagogas Locais: "Eshel Abraham" e Shaar Hashamaim"
- A sua oportuna colaboração como "Chazan" de outras comunidades próximas a esta cidade, vizinhas deste Estado, como Cayenna, na Guiana Francesa.

Estimado companheiro e amigo Moise Levy "Lo hayes quanto hazes de bien e enmentado seas siempre en bien" (que sejas retribuído todo que fazes de bem e mencionado sejas sempre em bem).

"No es de bald e" (não é à toa) que fostes recentemente homenageado pelo Centro Israelita do Pará com um Diploma de "Honra ao Mérito" pelos relevantes serviços prestados e dedicados a esta Comunidade.

"Para onde fueres hayes al Dió Bendito cerquitá de ti" (para onde fores encontres D'us Bendito pertinho de ti).

"Cerquitá de ti", mais ainda, estará "El Dió Bendito" quando chegares a Israel, já que resolveste fazer "Aliá".

Seja a tua viagem coroada de pleno êxito e que teus desejos sejam todos realizados e que "La mano del Alabado Su Nombre Sea, te alcance" para que não tropeças. Que El te dê "La Melezina" (o remédio) de que tanto precisas para tua "Completa Saúde - Refuá Shelemá".

"Yeno de alegría i prosperidade te miremos quando te encontremos, el año que viene en Israel". Amén.

Herman Bendayan



Selva!!!

◆ O GRUPO DE 140 PASSAGEIROS DIRIGE-SE PARA OS DOIS HERCULES ESTACIONADOS NA BASE AÉREA DE BRASÍLIA

ISRAEL BLAJBER *

Após a visita ao Presidente Lula, Ao Ministério da Defesa e ao COMDABRA, a Turma Vontade Nacional de 2004 da Escola Superior de Guerra prepara-se para embarcar com destino à Carajás e Manaus.

A tripulação recebe o grupo a porta dos aviões pintados de cinza.

Em lugar das aeromoças, a tripulação vestindo macacão de vôo.

Em lugar dos avisos ao alto-falante, o briefing do Sargento Loadmaster. Os generais, nossos colegas de CAEPE, são os últimos a embarcar, após as honras de estilo. A porta se fecha, com os hélices iniciando a rotação.

O ruído é intenso, trata-se de um avião de guerra sem acabamento acústico a bordo. As tubulações são aparentes, não há poltronas e sim quatro compridos bancos de alumínio ao longo da fuselagem, onde nos sentamos e enganchamos o fecho do cinto de lona. Não há divisões internas, as malas vão junto conosco na parte traseira, embaladas em um pallet sobre a porta horizontal, que se abre formando uma rampa de descida, para desembarque dos blindados ou viaturas capazes de serem transportadas nos espaçosos C-130.

Por isso o teto fica bem mais alto que nos aviões de carreira. As janelas são poucas e tão elevadas que precisamos ficar na ponta dos pés para poder enxergar alguma coisa lá fora. O piso é pleno de roletes, para facilitar o deslizamento da carga em caso de lançamentos aeroterrestres. É preciso cuidado para não escorregar, ou prender o sapato nas múltiplas ranhuras.

A divisória central e as paredes laterais onde se apóiam os bancos são abundantemente guarnecidas por ganchos, suportes e prateleiras, onde pendurar as mochilas, fuzis e demais equipamentos militares das tropas aerotransportadas.

As aeronaves preparam-se para iniciar a corrida pela pista. Simples toque curto de sineta, uma campainha, substitui o aviso de apertar cintos. Os motores rugem, acelerados a potencia máxima. Qual forjar de invisíveis ferreiros, fortes pancadas metálicas sucedem-se, transmitindo os comandos da cabine ao leme, aos flaps, as máquinas poderosas. Não se trata da decolagem bem comportada das aeronaves civis.

Mas a corrida é firme e tranqüila. Dada a impossibilidade de olhar para fora, sequer é possível sentir se já houve o despegue. Apenas após algum tempo acaba-se tendo a certeza de que decolamos. Junto a porta traseira da aeronave, um sargento de pé ao lado da porta troca informações via microfone de

cabeça com a cabine, em meio ao ruído intenso.

O serviço de bordo aparece, na forma de um saquinho de balas passado de mão em mão. Banheiro, nem pensar. Seria necessária a montagem de um pallet especial para tanto, o que raramente acontece dada a complexidade, para uma viagem de poucas horas.

As luzes são amarelas e mortíferas. O vôo transcorre normalmente, e logo vem a mente o resgate dos reféns de Entebbe, feito pelos pára-quedistas transportados em aviões como esse, nos idos da década de 70.

A lembrança do episódio fica mais clara, a sensação é de que poderíamos estar ali, sentados em volta da Mercedes preta idêntica a do tirano Idi Amin Dada, que rolaria do Hercules em direção a estação de passageiros, enganando os terroristas e abrindo o caminho para as tropas salvadoras.

Hoje o Brasil tem 22 destas aero-



naves, adquiridas da Itália. Tripulados pelos abnegados integrantes da FAB, por vezes somente eles e os navios da Flotilha do Amazonas conseguem chegar aos pelotões de fronteira, e a tantas e tantas vilas perdidas pela Amazônia.

Na rota, uma escala para visitar Carajás, e ao final do dia, a chegada a Manaus, onde extensa programação aguarda o grupo de estagiários.

A encantadora Manaus hoje se assemelha a uma pequena São Paulo cercada pela selva.

Suas avenidas costumam estar congestionadas, mesmo por volta das 22 h, com a saída das faculdades. A gente de Manaus é um povo alegre. A juventude sai as ruas após as aulas com os cadernos embaixo do braço, como em qualquer lugar, para os bares próximos sempre lotados.

Enquanto isso, a curtos intervalos, os satélites espíões mapeiam a Amazônia com seus sensores sofisticados, a espreita das nossas riquezas cujas coordenadas são arditosamente lançadas nos GIS a espera do dia em que, pensam eles, poderão ser saqueadas. Não contam porém com aquela gente, de pouco peso e baixa estatura, miscigenada com os índios, os europeus, os brasileiros do Nordeste e do Sul e os seguidores da Lei de Moises que há 200 anos ali aportaram vindos diretamente do Marrocos sofrido para o interior da Amazônia.

Brasileiros alegres, pacientes e perspicazes, profundamente apegados as suas tradições regionais, fascinados

pelas coisas da floresta, certamente não transgirão diante de quaisquer ameaças.

Não resta a menor dúvida de que se torna a cada dia mais premente o fortalecimento da presença militar na Amazônia, priorizando-se o Comando Militar da Amazônia, com as suas Brigadas da Infantaria de Selva, o CIGS - Centro de Instrução de Guerra na Selva, os Pelotões de Fronteira, o VII COMAR, com o SIPAM/SIVAM, R99, Tucanos, Xavantes, ALX, AT-29, o Comando Naval da Amazônia Ocidental com as suas embarcações e Fuzileiros Navais, a fim de que possam estar a postos e projetar poder em todos os rincões da Amazônia, mesmo os mais remotos, nos confins da civilização, formando a ponta de lança da defesa da Amazônia contra ambições alienígenas.

A visita da ESG aos primeiros dias de junho ocorreu numa semana

auspiciosa, quando se comemoraram os 40 anos da criação do CIGS, esta unidade de renome internacional nas técnicas de selva, e que já especializou quase 4 mil militares, sendo 320 das nações amigas.

O Campo de Instrução do CIGS ocupa uma área de selva intocada de superfície equivalente a

três vezes a cidade de Manaus, a qual é contíguo, onde se realizam os treinamentos. Ali, a 40 km do aeroporto (6 min de vôo), em 1962 acidentou-se um Constellation da Panair, com perda total de vidas.

Foi árduo e longo o difícil resgate dos corpos, e a cada aniversário do acidente, como o transcorrido na semana em que lá estivemos, a tropa realiza uma marcha para o local, conhecido como a Clareira do Avião.

A TV mostrou como ainda hoje se podem ver os motores, asas e partes da fuselagem, espalhados por extensa área, como se tivessem sido preservados pelos espíritos da floresta, a lembrar que ela nos pertence, e de nós não poderá ser tomada.

Homenageando a memória dos que ali perderam a vida engolidos pela mata fechada, ao final da cerimônia os soldados lançam o brado de guerra dos que servem no Comando Militar da Amazônia, e que encima este texto, justa homenagem aos valorosos brasileiros que habitam e defendem a Amazônia:

S E L V A !!!!

(*) Estagiário da Escola Superior de Guerra israel@esg.br
Artigo publicado no VINCULO, órgão da AFBNDES em 16 jun 2004

GRUPO KADIMA

KARL BENCHIMOL

ESPECIAL PARA AMAZÔNIA JUDAICA

Em ritmo acelerado, por parte de uma Tzevet organizada e entusiasmada, estão ocorrendo os preparativos para a maior e melhor Machané promovida pelo Grupo Kadima. A "Machané das Origens", como foi intitulada pelo Rosh David Israel - já que faz um retorno a Hebraica de Benfica, depois de longos dois anos -, com certeza, está sendo motivo de grandes expectativas por parte dos jovens e pais da comunidade belenense.

Essa Machané será a maior já que, devido a grande quantidade de pedidos por parte de insaciáveis chanichim, ela terá 8 (oito) dias, de 30 de junho a 7 de julho. É isso aí, serão oito dias ao invés dos seis que provocavam aqueles suspiros de: - Já...! Eu quero mais!

E será a melhor pois, como forma de demonstrar a infraestrutura do evento aos pais e assegurar o maior divertimento aos jovens, aqui está uma ficha do que está por vir: 1) Barracas cedidas pelo exército brasileiro, com piso e revestimento de lona da melhor qualidade; 2) Beliches de madeira com total conforto e segurança; 3) Reforma dos campos de futebol e quadra de vôlei da Hebraica de Benfica, coordenadas pelo Chaver Marcelo Assayag; 4) Várias novas brincadeiras elaboradas pelos Pts Jogos; 5) Aulas de capoeira; 6)



Super dia com os pais no Domingo, dia 4, no qual os pais poderão, além de sentir o ambiente da Machané, matar as saudades; 7) Super passeio de barco com direito a uma imperdível trilha; 8) Super Kit Machané; 9) Super Gadná; 10) Super Festa, com muita música dançante; 11) Uma enfermeira presente durante todos os momentos, apta a fazer os devidos cuidados; 12) Presença de pelo menos dois carros que estarão em total disponibilidade ao Kadima para qualquer eventualidade; e, como grande providência, partida de uma crítica construtiva de Belizia Barcessat, 13) Segurança garantida pela Polícia Militar, com a presença de uma viatura e quatro policiais 24 horas durante todos os dias.

Dessa maneira, o Kadima espera poder oferecer muito divertimento para os jovens e, da melhor maneira, garantir a total segurança dos presentes e a tranqüilidade dos pais dos inscritos. Por isso, se você não fez a inscrição do seu filho, o que você está esperando? Não perca tempo! Procure alguém da Tzevet do Kadima.

Contudo, apesar de pedirmos a presença da maior quantidade de pessoas possíveis para a Machané. Gostaríamos de fazer um grande apelo, junto com o Centro Israelita e de todos que amam Benfica, para que um evento como este não seja visto como um evento do Grupo Kadima, mas sim de um evento promovido para a nossa comunidade e que a participação em um evento deste em Benfica - com apoio de todos - é uma forma de nós podermos valorizar um espaço que, além de ser nosso, contribui para a manutenção da identidade da nossa comunidade. E, assim, poderemos contribuir para que a nossa comunidade revitalize esse imenso e agradável espaço.

Voltando as atividades, o encerramento do semestre ocorre, também, com uma grande correria. É que a promoção do Kad-Selo está causando uma grande agitação entre os chanichim, pois a premiação, um mini-system, já está à vista e sendo cobijada por todos no Kadima. Além disso, uma das novidades foi a escolha da camisa da Machané, que contou com a participação de muitos chanichim, mas que, por grande mérito, teve como vencedora a nossa chanichá Hedvah Israel, que terá o seu modelo estampado em todas as camisas distribuídas. Por isso, guardem novas promoções do Kadima. Em agosto, no segundo sábado, terão por iniciadas as atividades do Kadima, em que esperamos a presença maciça para conferir as baladas da Machané e rever os amigos.

Assim, esperamos todos na Machané e no Kadima, mas não se esqueçam, a presença dos seus filhos é importante para o futuro da nossa comunidade. Shalom.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
50 EAST LEXINGTON AVENUE
NEW YORK, NY 10017

CHICAGO, ILLINOIS 60607



ALI KAMEL

Essa é a história de um outro mundo que vive à espera de um outro mundo. E nenhum desses dois mundos é o nosso. Por isso, para prosseguir na leitura, é preciso que o leitor se dispa de suas noções de possível e impossível. Se eu fosse fazer a genealogia do terror muçulmano, o leitor se perderia num emaranhado de nomes de difícil pronúncia. Teria de voltar aos precursores dos homens-bomba, os adeptos da seita dos assassinos, no século XI, que inauguraram os ataques suicidas. Mas não será necessário recuar tanto. Porque a sustentação teórica do terror islâmico contemporâneo foi elaborada no século XX. Dois nomes se destacam: Hassan Al-Banna e Sayyid Qutb. Conhecê-los, saber o que pensam e o que pregam, é fundamental para entender a al-Qaeda e Bin Laden. É este o propósito da série de três artigos que tem início hoje. Se eu obtiver êxito, o leitor nunca mais achará que a possibilidade de um ataque terrorista usando armas atômicas é apenas uma paranóia. E, talvez, passe a admitir que, contra essa gente, nossa forma ideal de combate, nós que não gostamos de guerras, não tem serventia. Porque o lema que eles usam desde 1928 — “preparem-se para a Jihad e sejam amantes da morte” — não é uma frase vazia.

O primeiro passo é conhecer o mundo em que eles vivem, um mundo muito pequeno, apenas a Arábia Saudita (e outros minúsculos países do Golfo Pérsico) e micro-sociedades nas cavernas do Afeganistão, onde Bin Laden e seus adeptos se escondem. Nele, só há uma crença que tudo rege: Deus é Único e, por isso, ninguém mais pode ser cultuado, nem o profeta Maomé, nem santos. As orações devem ser feitas somente tendo Deus em mente e, portanto, apelar pela interseção de algum intermediário é pecado gravíssimo (é proibido comemorar datas festivas, mesmo que seja o aniversário de Maomé). Deve-se viver como eles acreditam que o Alcorão prega, observando-se estritamente a Sharia (o código de leis muçulmano), e os costumes devem ser apenas aqueles mencionados nas Hadith (a coletânea de ditos e feitos de Maomé e seus companheiros). A música, a dança, o álcool e o fumo estão banidos e, às mulheres, é imposta uma condição de segunda classe. Elas não podem dirigir e só podem viajar na companhia do marido ou de algum parente masculino de primeiro grau. Os homens são obrigados a fazer as cinco orações, e, às sextas, devem comparecer às mesquitas, sob pena de para lá serem levados sob vara. E as punições físicas estão em pleno vigor: adúlteros têm de ser apedrejados, ladrões devem ter o braço amputado, e a pena de morte deve ser executada em lugares públicos. Se obrigado a viver no Ocidente ou em países muçulmanos mais liberais (a maioria), o fanático leva esse mundo em sua cabeça para onde for. E reza todos os dias para não se contaminar com a impureza que o cerca.

O mundo que eles querem é parecido com aquele descrito acima, mas com algumas crenças a mais e algumas liberdades a menos. Se, para nós, a liberdade é o direito mais sagrado, para eles a submissão a Deus é o dever mais absoluto. Como Deus é o criador de todas as coisas, tudo a Ele pertence e somente Ele pode ser o soberano de todos os homens. Só ele pode ser adorado, só ele deve ser obedecido. É à primeira vista uma crença que muitas religiões compartilham, mas, aqui, ela ganha dimensões totalizantes. Como Deus já revelou as suas leis e já anunciou que seu último profeta foi Maomé, não abrindo assim possibilidade



A guerra de três mundos

para um novo período de revelações, nenhuma lei feita pelo homem pode ser respeitada, sob pena de incorrer no pecado da Shirk (adorar outro deus ou associar Deus a outro deus, porque respeitar outra lei que não a de Deus é o mesmo que reconhecer que há outro soberano). Um muçulmano não tem nenhuma nacionalidade, senão a sua crença. Votar, portanto, é também um ato de Shirk, porque não é possível escolher um soberano — este é Deus. A crença de todo democrata — todo poder emana do povo — é Shirk, porque todo poder emana apenas de Deus. O mundo hoje se encontra no estado de Jahiliyyah, a completa ignorância que reinava antes da revelação do Alcorão. Depois dos primeiros anos após Maomé, inovações de todo tipo teriam desvirtuado o Islamismo de tal forma que a Jahiliyyah tomou conta de todos novamente. Mesmo os muçulmanos que se acreditam muçulmanos são Jahilis, porque não seguem a religião com pureza. A luta é, portanto, fazer o Islamismo vencer em todo o mundo, porque a mensagem do Alcorão é universal. É obrigação de todo muçulmano se engajar nessa luta, em escala mundial, até que a lei de Deus esteja implantada em todo o planeta. O mundo que eles querem é esse: todo ele islâmico, sem exceção. É um mandamento de Deus.

Chamar estes fanáticos de fundamentalistas é uma imprecisão, porque dá a entender que eles advogam a volta da religião aos seus fundamentos, com base numa leitura literal do Alcorão. Eu mesmo já disse mais de uma vez que a leitura que eles fazem do Alcorão é literal, mas usei a definição, consagrada pela mídia, apenas para me desviar de uma discussão mais aprofundada. Porque o termo “fundamentalismo” chegou ao Islamismo por empréstimo. Os estudiosos e jornalistas aplicaram ao Islamismo o mesmo rótulo que já havia sido dado aos movimentos fundamentalistas cristãos do início do século passado: protestantes ultraconservadores propunham uma releitura literal da Bíblia a que todos os cristãos deveriam se submeter. Não é o caso dos fanáticos do Islã. Embora gostem de que pensem que eles têm uma leitura literal do Alcorão, o que os fanáticos na verdade fazem é algo bem diverso: uma “interpretação” radical do que está no livro sagrado dos muçulmanos. O Alcorão, com uma

linguagem ultrametáforica, presta-se bem mais a interpretações do que a leituras literais. Da mesma forma, as Hadith (os ditos e os feitos do profeta) são tantas que se costuma dizer que, para cada exemplo mandando fazer tal coisa, é possível achar outro mandando fazer o seu contrário. O que os fanáticos fazem é escolher, entre as Hadith, aquelas que mais se prestam à sua interpretação e, depois, dizer que elas são as únicas. Para vencê-los, é preciso saber como surgiram, como se multiplicaram, quem são os seus mentores. É uma viagem necessária.

O início de tudo é o ano de 1928, com a criação da Irmandade Muçulmana. Quando Hassan al-Banna a criou, aos 22 anos, ele já não era mais aquele filho de um relojoeiro pobre do norte do Egito, mas um jovem e respeitado professor, formado pela tradicional Universidade de Al-Azhar, a mais prestigiada do país. Al-Banna, porém, já tinha sido feito refém de uma corrente de pensamento dentro do Islã que, ao longo dos séculos, sempre ressurgiu em países muçulmanos. Trata-se de um desejo ardente de volta ao passado, a um idealizado estado de pureza que, supostamente, teria existido no tempo do Profeta Maomé. No século XIII, o líder religioso Ibn Taymiyya já reclamava de que o Islã havia se corrompido com inovações de todo tipo e que era preciso voltar a praticá-lo tal como no tempo do Profeta. No século XVIII, Al-Wahhab, com o mesmo tipo de pregação, varreu toda a região da Arábia, praguejando contra tudo o que ele considerava estranho ao Islã original. Foi tão influente, que, quase três séculos depois, a seita que ele fundou é a religião dominante na Arábia Saudita. Tão dominante que sequer se apresenta como seita: eles se dizem o verdadeiro Islã. Os sauditas dizem que somente detratores os chamam de wahhabistas, numa referência ao fundador, justamente para irritá-los, já que, tendo como norma cultural apenas Deus, insinuar que eles cultuam al-Wahhab seria dizer que eles próprios cometem o pecado da Shirk, que atribuem a todos os outros muçulmanos. Eles, no máximo, se permitem chamar de unitários (uma referência à adoração do Deus único) ou, também, salafis, que vem do termo árabe Salafi, uma palavra que se refere às primeiras gerações de muçulmanos, os pioneiros do tempo do Profeta (hoje, os salafis seriam aqueles que vivem como os pioneiros

viviam). Essa visão do Islã, restrita a uma pequena parte do mundo, é, no entanto, a mais conhecida, porque, com o dinheiro do petróleo, é a Arábia Saudita quem mais financia a abertura de mesquitas e escolas muçulmanas em todo o mundo: nos Estados Unidos, por exemplo, 80% das mesquitas são sauditas e, portanto, wahhabistas. O que o Ocidente acredita ser o Islamismo é apenas a pequena parte dele, a mais conservadora, a mais fechada, a mais repressora.

Em relação aos wahhabistas, qual então a novidade de Hassan al-Banna, ao criar a Irmandade Muçulmana? Ele transpôs a pregação, do terreno do religioso, para o campo político, e além do que advogavam os wahhabistas, ele postulou que a divisão do mundo muçulmano em nações-estado era essencialmente antiislâmica. Al-Banna queria a reunião de todos os muçulmanos numa só nação, sob o comando de um novo califa. Para ele, a miséria e os males que afligiam os países islâmicos do início do século passado, e ainda afligem, eram conseqüências diretas dos desvios que o Islã sofreu ao longo dos anos. Ele costumava dizer de si, imodesto: “Sou um altruísta que, tendo desvendado o segredo sobre a existência, declaro ao mundo: Minhas orações, meu sacrifício, meu modo de vida são totalmente devotados a Deus. Ele é Único. Isso me foi ordenado dizer e eu sou o primeiro dos muçulmanos.” Mas Al-Banna advertia: “O Islã é fé e devoção, é um país e é cidadania, é uma religião e um Estado, é espiritualidade e trabalho duro, é o Alcorão e a espada.” A Irmandade Muçulmana foi um sucesso imediato entre o povo pobre do Egito: seus membros se multiplicavam ao longo dos anos. No início, Al-Banna assim classificava o movimento por ele fundado: “A Irmandade tem uma mensagem Salafi, segue o caminho dos sunitas (em oposição aos xiitas), é uma organização política, um grupo atlético, uma união científica e cultural, um empreendimento econômico e uma idéia social.” A Irmandade era tudo.

O livro mais popular de Al-Banna é também o mais curto: “Carta a um estudante muçulmano”, escrito em 1935, no qual ele ensina como um muçulmano deve se comportar no exterior. Há uma lista de obrigações duras, estritas, severas, mas o que mais sobressai é a visão que ele tem do Ocidente: uma região engolida pelo pecado. “Todos os prazeres trazidos pela civilização contemporânea não resultarão em nada, senão dor. Uma dor que vai superar seus atrativos e remover a sua doçura. Portanto, evite os aspectos mundanos desse povo; não deixe que eles tenham poder sobre você e o enganem.” Em 1934, já havia 50 filiais da Irmandade em todo o Egito. Em 1939, passou a atuar como grupo político organizado e, depois de 1945, sofreu a sua mudança mais radical: aderiu à violência e ao terror, praticando assassinatos políticos com o objetivo de derrubar a monarquia egípcia. A Irmandade já tinha então duas mil filiais, 500 mil militantes e o dobro de simpatizantes: eles abriam escolas, mesquitas, hospitais, fábricas. Dizia-se que a Irmandade era um Estado dentro de um Estado. A mudança radical foi possível porque Al-Banna foi quem primeiro modificou o conceito de Jihad, antes sempre definida de duas maneiras: uma “guerra” interna que o crente deve travar dentro de si para se manter no reto caminho e uma guerra defensiva propriamente dita, em caso de ataques de infiéis contra uma nação muçulmana. Para Al-Banna, Jihad passou a ser a guerra que o muçulmano verdadeiro tem obrigação de travar para reconverter o mundo muçulmano ao islamismo puro, mesmo que, para isso, tenha de pagar com a própria

vida.

No livro, “A mensagem dos ensinamentos”, Al-Banna diz: “Por sacrifício eu entendo dar-se totalmente, sua riqueza, seu tempo, sua energia e tudo o mais pela causa do Islã. Não há Jihad sem sacrifício, e não há sacrifício sem uma recompensa generosa por parte de Deus. Quem evita o sacrifício são pecadores. Por isso, queridos irmãos, vocês entendem o nosso slogan: a morte na luta por Deus é a nossa grande esperança.” No mesmo livro, Al-Banna define os cinco objetivos da Irmandade: “Deus é o nosso objetivo, o Mensageiro é o nosso exemplo, o Alcorão é a nossa constituição, a Jihad é o nosso método, e o martírio é o nosso desejo.” Em 1948, a Irmandade foi posta na clandestinidade, seus bens foram confiscados e, no ano seguinte, Al-Banna, com apenas 43 anos, foi assassinado por agentes secretos do governo real egípcio, tornando-se um mártir para os fanáticos e um exemplo a ser seguido. O assassinato não teve o efeito que o governo egípcio imaginou: a Irmandade tinha milhares de simpatizantes, espalhados por todo o país, e eles já pareciam ter absorvido a mensagem de Al-Banna, como a que ele expôs no livro “A indústria da morte”: “Para uma nação que aperfeiçoa a indústria da morte e sabe como morrer de forma nobre, Deus dá uma vida de orgulho nesse mundo e eterna graça no mundo que está por vir.” Naqueles dias, militantes costumavam marchar pelas ruas do Cairo, gritando: “Nós não temos medo da morte; nós a desejamos.” A frase com que a al-Qaeda costuma terminar suas declarações — vocês amam a vida; nós, a morte — vem daí.

Em 1950, o grupo voltou à legalidade e recebeu o apoio do movimento nacionalista pan-arabista do coronel Gamal Abdel Nasser, que também tentava derrubar a monarquia. Em 54, porém, quando Nasser assumiu o poder, a Irmandade exigiu que a Sharia se tornasse a lei no país. Não foi atendida e foi posta novamente na ilegalidade. No mesmo ano, seus adeptos tentaram matar Nasser, que, numa reação furiosa, prendeu quatro mil militantes e cometeu o seu maior erro: expulsou do país outros milhares de simpatizantes, que seguiram para Síria, Arábia Saudita, Jordânia e Líbano, internacionalizando o movimento. Na Arábia Saudita, eles foram abrigados com entusiasmo, porque eram salafis, e receberam dinheiro do rei para que criassem a sua própria universidade em Medina. O impacto disso na vida de Bin Laden será grande. Em todos os países para onde fugiram, foram abertas seções da Irmandade Muçulmana. O Egito era então um centro para onde iam estudantes de todos os países árabes e, por isso, jovens de todos os países da região conheciam já os ideais da Irmandade: com líderes perto, abrir seções internacionais foi bem mais fácil.

Na continuação desse artigo (na próxima edição), mostrarei como Sayyid Qutb transforma uma Jihad para reconverter o mundo muçulmano ao Islamismo numa Jihad global, visando ao mundo inteiro. Os leitores terão também uma idéia sobre o estrago que uma mulher bêbada e seminua pode fazer na cabeça de um fanático. E como o Ocidente inteiro pode sofrer por isso.

ALI KAMEL é jornalista

Publicado no jornal O Globo - 04 de abril de 2004



A exposição "As Fontes" acontece entre os dias 28 de maio e 06 de junho no Amazonas Shopping



Brit-Milah

O jovem casal **Ilana e David Benzecry** reuniram amigos e familiares para o Brit-Milah do seu pequeno Samuel no Clube do condomínio Efigênio Sales. Os avós estreadantes Nora e Ilko Minev (maternos) e Safira e Elias (paternos) eram só sorrisos e não é para menos, confirmam as fotos!



Assembléia homenageia embaixador israelense

O **Embaixador de Israel, Sr. Daniel Gazit** foi homenageado pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em sessão solene presidida pelo, Deputado Lino José Xixaro, com a presença da Governadora em exercício, presidente do Tribunal de Justiça, Desembargadora Marinildes Mendonça. A indicação de autoria do Deputado Wanderley Dallas, foi aprovada pela maioria dos deputados, contou ainda com as presenças de vários representantes das comunidades evangélicas, Deputado Silas Câmara, Deputado Federal pelo RS, Pastor Reinaldo, enviados para representar a Conib, o casal Suely e Flávio Unikowsky, além de figuras representativas da Comu-

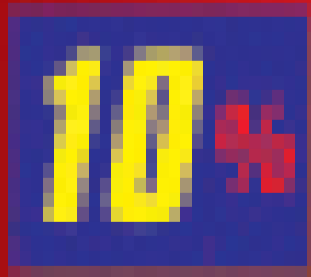
nidade Israelita do Amazonas. Na ocasião aconteceu no Hall da Assembléia, a exposição intitulada "As Fontes", produzida pelo Ministério das Relações Exteriores de Israel, e teve como patrocinadores a Na"Amat Pioneiras, o KKL, o Comitê Israelita do Amazonas, a Câmara de Comércio Brasil Israel e a Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas. A exposição versa sobre as três maiores religiões monoteístas, Judaica, Cristã e Islâmica, que tem Jerusalém como sua cidade sagrada. O evento aconteceu no dia 20/05/2004 às 10:00 da manhã. Ao final da solenidade foi oferecido um coquetel aos convidados no Salão Nobre.



100% de desconto

Novidades em livros e artigos

ULTIMOS DIAS DA GRANDE PROMOÇÃO



Livros e Artigos Judaisms em Geral

Av. Dr. Manoel P. de Sá, 100 - Jd. Santa Helena - Manaus - AM - Fone: (92) 224-4444 - Fax: (92) 224-4444

LGB Engenharia
LGB Engenharia e Empreendimentos Ltda
 Av. Opama Batista, nº 1.008 - Sala 28 Parque 202 - Manaus-AM
 Cap. I - 48094-008 - Tel.: (91) 434-3636 / Cel: (91) 8333-0028
 Telex: (52) 642-8253 - jacob@lgb.com.br

ERUIM II



Yom Haatzmaut em noite de gala

Manaus comemorou o 56º Aniversário da criação do Estado de Israel com muita alegria e concentração. Um Arvit festivo deu início à solenidade, com orações especiais para a data, seguido do pronunciamento do diretor do Comitê Israelita do Amazonas Gilberto Jucá que discorreu sobre os quatro mil anos da história do povo judeu. A chaverá Safira Ohana declamou mais um de seus belos poemas enfocando Eretz Israel. Durante toda a solenidade foi ativa a participação dos alunos da Esco-



linha Judaica Jacob Azulay e do Grupo Meretz da Terceira Idade. Momento de muita emoção foi quando seis Shofarot tocaram juntos a Tekiá Guedolá envolvendo os presentes em grande concentração espiritual.

HATIKVA em hebraico e ladino, de acordo com nossa tradição, foi cantado por todos os presentes que compareceram em grande número em mais esta magna efeméride do nosso calendário. Um lauto coquetel encerrou o evento com a congratulação geral entre os chaverim vechaverot.

Formatura

Registramos com muita alegria a colação de grau em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda do jovem SHALOM DAHAN, ativista e um dos líderes da juventude judaica em Manaus. Efusivos votos de felicitações da equipe do Amazônia Judaica ao novo Publicitário, augurando pleno sucesso profissional, ao lado do importante trabalho comunitário que ele desenvolve. MAZAL TOV.



Mãe do Ano Wizo

Em festa realizada no Maria Clara Buffet no dia 05/05 o Grupo Feminino, homenageou como mãe Wizo de 2004 a Sra. Raquel Soares esposa de Salomão Soares. De quebra, a homenageada fazia aniversário o que animou ainda mais os festejos, com desejos de feliz aniversário de parte dos convidados. Na vasta programação organizada por familiares e amigas, tivemos a apresentação de ballet e um delicioso chá. Parabéns!

Yom Hatzmaut

O Centro Israelita do Pará comemorou o 56º Aniversário da Independência de Israel em grande estilo. Tendo a frente o presidente Marcos Soares, a atual Diretoria do CIP aproveitou a importante data para homenagear vários "Amigos da Comunidade" e membros do Ishuv paraense com a entrega de diplomas aos mesmos. Após a cerimônia solene no Salão Nobre "Maguen David" os convidados puderam degustar de um delicioso coquetel. Belíssima festa.

Visitando

Esteve de passagem, muito rápida, por Belém o Rabino Abraham Serruya. Aproveitando uma viagem para os Estados Unidos, o Rabino Serruya fez uma pequena parada de dia e meio para matar a saudade de parentes e amigos. Esperamos que a próxima visita seja mais demorada, pois sentimos a falta de suas maravilhosas prédicas, quando de sua estadia.

N i v e r

- No dia 26/04 foi festejado o aniversário de Cota Aben-Athar, na casa de sua filha Deborah Unger. Suas amigas foram lhe prestigiar e todos ficaram encantados com as homenagens realizadas pelos seus netos.
- No dia 03/05 foi realizada uma festa surpresa para Simone Salgado, organizada pelo seu marido David Salgado, foi um festa íntima, apenas para familiares.
- Aniversário de Graciete Nahon no dia 06/05, festejado em sua residência para amigos e parentes.
- No dia 13/05, também foi festejado o aniversário de Belizia Barcessat, com um jantar em sua casa para amigos e parentes.
- No dia 15/05, foi festejado o aniversário de Gabriel (7 anos) e Sarah Alves (2 anos), filhos de Cristiane e José Alves, foi grande a animação das crianças, que participaram de todas as brincadeiras.
- Festa dupla no dia 16/05, onde Uriel Salgado, festejou a passagem do seu oitavo aniversário, na piscina do Edifício Maison Giverny, onde recebeu quase todos os seus amigos. Várias brincadeiras foram realizadas, como futebol, queimada, corrida, e outros. As pessoas que por ali passavam nunca tinham visto tanta criança junta. Foi um sucesso, parabéns..... Enquanto a festa da piscina acontecia, no 13. andar era festejado o aniversário de sua avó Clara Mendes, com uma deliciosa feijoada. Foi um sucesso em dobro.
- No dia 22/05 - Shabat, foi oferecido na Sinagoga Shaar Hashamaim uma belíssima seudá pelos casais Jacob e Helena Benzecry e Fortunato e Raquelita Athias, pela passagem do aniversário de seus casamentos.
- No dia 24/05, Pérola Benguigui recebeu em sua casa parentes e amigas para festejar mais um ano de vida. Mazal Tov!



Idade de Ouro – Guyl Hazahav

No dia 02/05, no salão da sinagoga Shaar Hashamaim, foi realizada mais uma programação do grupo. O acontecimento foi marcado pela palestra "Cuide bem do seu coração", ministrada pela Dra. Luna Brasil e pelo Dr. Alberto Mauro Anijar. Uma dinâmica de grupo orientada pela pedagoga e psicóloga Rosângela Nahon também agradou aos participantes. Houve também homenagem à todas as mães presentes, com entrega de rosas. E uma homenagem especial a mãe escolhida pelo grupo, Sra. Ledícia Zagury Benzecry, que ficou emocionada e muito feliz com a presença de seus filhos, genros, noras, netos, bisnetos, que além de recitarem poesias fizeram uma peça para homenageá-la.



No dia 16/05, o Grupo Guyl Hazahav organizou mais um passeio, foram conhecer a orla de Belém em um dos barcos da Vale Verde, o evento contou com 30 participantes. Todos se divertiram muito, dançando os ritmos da terra, e já estão solicitando para breve mais um passeio como este que foi o maior sucesso.